Do interesse pela economia ao interesse à defesa da abertura da economia

Edmar Bacha, Rogério Werneck e Pedro Malan me ensinaram a gostar de economia. Com as dúvidas naturais do final da adolescência, em 1977, fiz vestibular para Engenharia Química e Economia. Decidi por Economia, sem nenhuma convicção, no dia de fazer a matrícula.

Ao final do segundo ano no curso de Economia da PUC-RJ, eu tinha a nítida sensação de ter feito a escolha errada: o curso era fraco, eu não sentia curiosidade, nem tinha interesse naquelas matérias.

Até que a partir do quinto período (1980) as coisas começaram a mudar. O curso de Macroeconomia B tinha como professor Edmar Bacha – um professor formal, mas acessível. As aulas eram claras e a matéria instigante: inflação, crescimento, ajuste do Balanço de Pagamentos, ... Finalmente, discussão de política econômica! Era isso que eu esperava do curso de Economia. Edmar foi o paraninfo da minha turma.

Foi nas aulas de Macro B que comecei a me interessar por comércio e economia internacional. Edmar me apresentou ao modelo Mundell-Fleming, aos impactos das desvalorizações cambiais sobre o Balanço de Pagamentos, às condições de Marshall-Lerner e à curva em J,... – tudo isso me parecia fascinante.

Com Rogério Werneck aprendi que a Econometria pode ser fácil e que era uma ferramenta importante para a economia aplicada. Pedro Malan trouxe as teorias de comércio e os instrumentos de política comercial. A essa altura eu já estava decidida a seguir no mestrado e a trabalhar com comércio exterior e econometria.

No mestrado tive a sorte de ter novamente esse trio como professores. Fui aluna do Edmar em mais dois cursos. Tropecei no Q de Tobin, é verdade, mas aprendi a gostar ainda mais da macroeconomia aberta.

A hora de escolher um orientador para a dissertação de mestrado chegou e a intenção de ter Edmar como orientador foi por água abaixo: no segundo semestre de 1983 ele iria para um período no exterior como Professor Visitante na Universidade de Columbia.

De volta ao Brasil, em meados da década de 1980, Edmar engajou-se no debate sobre política de estabilização e eu, então trabalhando no IPEA, aproveitava todas as oportunidades para aprender um pouco mais nos seminários na PUC.

A oportunidade de assistir de perto aos debates que gestaram o Plano Cruzado e, mais tarde, o Plano Real e de conviver com uma geração de economistas que mudaria os rumos da política econômica no Brasil foi para mim motivo de orgulho e realização profissional.

De meados de 1990 ao início dos anos 2010 tive poucas oportunidades de convívio com Edmar. Até que comecei a frequentar os seminários da Casa das Garças. Era como

se, novamente, estivesse de volta àquele ambiente de debate estimulante que se instalou no Departamento de Economia da PUC nos anos 1980, agora localizado em um ambiente sofisticado e com uma agenda mais abrangente.

Em 2012, convites para escrever artigos para dois livros organizados por Edmar e Monica de Bolle – *Novos Dilemas de Política Econômica*, em homenagem a Dionísio Dias Carneiro, e *O Futuro da Indústria no Brasil* – colocaram-me novamente como aluna diante do Mestre. Com sua leitura atenta e seus comentários rigorosos às versões iniciais dos textos, ele continuava me ensinando como aprimorar os argumentos.

Também naquele ano, Edmar me surpreendeu ao se dispor a assinar um documento elaborado pelo CINDES – um *think tank* criado em 2005, do qual fui uma das fundadoras – em cooperação com o ex-ministro Rubens Ricupero sobre a posição do Brasil para Rio+20. O documento era um manifesto contra as estratégias terceiro-mundistas adotadas pelo governo brasileiro para a Conferência e contra as inconsistências entre a política industrial do País e os objetivos de mitigação das mudanças climáticas.

Em sua resposta ao meu convite para que ele se juntasse a nós no manifesto ele disse:

"*...deixe-me explicar porque assino:*
(a) a companhia é muito boa, e como aprendemos na medida que a vida avança, o importante são as boas companhias pra nos acompanhar nessa travessia.
...
(d) todos nós temos falado e escrito bastante sobre esses temas, apesar de não sermos especialistas. Se nos predispomos a falar e escrever sobre limites ao crescimento et al., por que não assinar um manifesto ponderado e relevante?"

Fiquei comovida com a resposta.

O crescente interesse de Edmar pelo tema da abertura comercial nos aproximou novamente. No CINDES, vínhamos discutindo a necessidade de reorientar a política comercial e promover a abertura da economia brasileira. Em 2013, Edmar nos sugeriu a criação de um grupo de discussões para pensar uma nova política comercial para o Brasil. Com seis ou sete participantes, o grupo reunia-se nos finais de tarde no CINDES. Edmar tinha o papel fundamental de fazer perguntas difíceis, às quais, nós, especialistas em política comercial, muitas vezes não sabíamos responder.

Ao final daquele ano, conseguimos escrever e publicar o texto *De volta à autarquia? Antecedentes e quadro atual das políticas comercial e industrial no Brasil*, assinado por todos os participantes, incluindo Edmar. O artigo trazia um bom diagnóstico sobre os equívocos das políticas industrial e comercial brasileira e seus impactos para a economia do país. Faltava então passar à fase das propostas.

Em 2014, com o objetivo de contribuir com propostas para a campanha de Aécio Neves à Presidência da República, o grupo continuou a se reunir no CINDES sob a

batuta de Edmar. Passar do diagnóstico às propostas de política é sempre um salto difícil. Ainda assim, o grupo chegou a elaborar um conjunto de propostas que seria entregue à campanha do candidato do PSDB poucos meses antes das eleições.

Desde então, Edmar tem buscado obter apoio de instituições e potenciais patrocinadores para que o CINDES continue a trabalhar nesse tema. O Mestre continua a apoiar e estimular a aluna...